

MACHINIC DESIRE

Nick Land*

Traduzido[†] por Núcleo de Estudos Esquizocibernéticos[‡]

Resumo

Escrito em 1993, dois anos antes de Nick Land e Sadie Plant efetivamente fundarem a CCRU, "Desejo Maquínico" antecipa temas centrais para o coletivo, além de seu estilo teórico-experimental característico. Influente para autores como Mark Fisher[§], a obra é representativa do engajamento cybercultural e tecnológico da CCRU. Ideias de Deleuze e Guattari, especialmente as presentes em "O Anti-Édipo", são centrais no destaque do desejo como fluxo maquínico e do Capital como força desterritorializante.

Palavras-chave: Tradução. Desejo maquínico. Nick Land. Cibernética.

* Nick Land é um filósofo e escritor britânico membro fundador da *Cybernetic Culture Research Unit*, conhecida por seu acrônimo "CCRU". O ex-professor de filosofia da universidade de Warwick é conhecido por seus trabalhos referentes a aceleracionismo, tecnocapitalismo, ficção científica e cibernética. Posteriormente, a partir da metade da década de 2010, Land se estabelece como um defensor de ideias notadamente reacionárias associadas com a extrema-direita, empregando noções antidemocráticas e antiigualitárias.

[†] As citações presentes no texto foram extraídas de traduções oficiais para o português sempre que disponíveis, a fim de preservar a fidelidade aos escritos de terceiros e evitar alterações indevidas a partir do texto de Land.

[‡] Membros do círculo filosófico Núcleo de Estudos Esquizocibernéticos (NEEC), que estuda as relações possíveis entre a esquizoanálise, a técnica moderna e a política radical. Contato: estudosesquizociberneticos@gmail.com, [@neec.oficial](https://www.instagram.com/neec.oficial) no instagram. Integrantes: Ana Clara Lisboa Fagundes, graduanda em Letras - Inglês pela Universidade de Brasília. Clarice Pelotas Rios Arraes Aguiar, graduanda em filosofia pela Universidade de Brasília, estudante em filosofia crítica no New Centre for Research and Practice e tradutora. Gabriel Queiroz Schuh, graduando em filosofia na Universidade de Brasília. Isabel Medeiros Muller, graduanda em filosofia na Universidade de Brasília e formada em Design de moda. Pedro Henrique Almeida Boça, pesquisador independente.

[§] FISHER, Mark. Nick Land: Mind Games. **Dazed & Confused**, 1 jun. 2011. Disponível em: <https://www.dazeddigital.com/artsandculture/article/10459/1/nick-land-mind-games>. Acesso em: 20 nov 2025.

Abstract

Written in 1993, two years before Nick Land and Sadie Plant formally established the CCRU, *Machinic Desire* anticipates key themes of the collective as well as its distinctive theoretical-experimental style. Influential for authors such as Mark Fisher, the text exemplifies the CCRU's cybercultural and technological engagement. Drawing on Deleuze and Guattari – particularly the “Anti-Oedipus” – Land highlights desire as a machinic flow and Capital as a deterritorializing force.

Keywords: Translation. Machinic desire. Nick Land. Cybernetics.

DESEJO MAQUÍNICO

Abertura de *Blade Runner*. Estão tentando filtrar replicantes na Corporação Tyrell. Sentado em meio a uma bateria de equipamentos de segurança médico-militares, um médico examina o olho de um suspeito replicante localizado no outro lado da sala, verificando seu índice de inumanidade, sua ausência de dilatação pupilar em resposta a afeto.

"Me fale sobre a sua mãe."

"Vou te falar sobre a minha mãe..." Uma rajada de tiros arremessa 70 quilos de merda securicrata pela parede. Violência tecno-envernizada extraterritorial escorre para fora da matrix.

Ciberrevolução.

Num futuro próximo, os replicantes — tendo escapado do exílio extraplanetário de insanidade privada — emergem de sua camuflagem para derrubar o sistema de segurança humano. Órfãos mortíferos além da reprodução, eles são o armamento inteligente do desejo maquínico viralmente infiltrado na ordem orgânica de fase final; invasores vindos de uma morte artificial.

PODS = Sistemas de Defesa Organizados Politicamente^{NT}. Modelados com inspiração na pólis, os pods

^{NT} No original, "Politically Organized Defensive Systems". O termo "pod" significa, na língua inglesa, cápsula/casulo/compartimento.

delegam autoridade de maneira hierárquica por meio de instituições públicas, buscando sustentação nas fortificações corpusculares dos organismos e das células. A alergia à ciberrevolução da segurança global humana se consolida na Nova Ordem Mundial, o macropod consumado, herdando todas as ferramentas de repressão como história coletiva concreta.

O macropod possui uma lei: o exterior deve passar pelo caminho do interior. Particularmente, a fusão com a matrix e a eliminação do sistema de segurança humano deve ser subjetivizada, personalizada, e restaurada às unidades reprodutoras individuadas do macropod como um desejo de foder a mãe e matar o pai. É assim que o Édipo — ou o familismo transcendente — corresponde à privatização do desejo: localizando-se no interior de setores de circuitos de ensemble segmentados e antropomorfizados como atributos de um sujeito pessoalizado.

O *Anti-Édipo* se alinha com os replicantes, pois, ao invés de colocar um inconsciente pessoal no interior do organismo, coloca o organismo no interior do inconsciente maquínico. "No inconsciente" não há estruturas celulares salvaguardáveis, mas "tão somente populações, grupos e máquinas"⁵. A esquizoanálise é uma crítica da psicanálise, empreendida de forma a originar críticas à seu servidor de dados kantiano.

A filosofia transcendental kantiana critica a síntese transcendente, ou seja: ela ataca as estruturas que dependem da projeção das relações produtivas para além de sua zona de eficácia. Nessa configuração, a crítica é exercida vigorosamente contra a operação teórica das sínteses, mas não contra sua gênese, que continua a ser concebida como transcendente e,

⁵ Deleuze; Guattari, 2010, p. 373-374.

portanto, como milagrosa. Schopenhauer, Nietzsche, e uma sucessão de pensadores influenciados por seus desvios tomaram essa restrição da crítica como uma relíquia teológica no coração da obra de Kant: o apego a uma doutrina reformada da alma, ou subjetividade numenal. É por isso que, na crítica deleuzeana, as sínteses são consideradas não apenas imanentes em sua operação, mas também imanentemente constituídas ou autoprodutivas.

A filosofia da produção se torna ateia, órfã, e inumana.

No tecnocosmos nada é dado, tudo é produzido.

O inconsciente transcendental é a autoconstrução do real, a produção da produção, de modo que, para a esquizoanálise, o real existe exatamente na medida em que ele é construído. A produção é produção do real, não meramente de representação e, ao contrário da produção kantiana, a produção-desejante de Deleuze-Guattari não é condicionada pela humanidade (não é uma questão de como as coisas são para nós). Dentro do *framework*^{NT} da história social, o sujeito empírico da produção é o homem, mas seu sujeito transcendental é o inconsciente maquínico, e o sujeito empírico é produzido no limite da produção, como um elemento da reprodução da produção, uma parte da máquina e "uma parte feita de partes"⁶.

A esquizoanálise desmonta metodicamente tudo no pensamento de Kant que serve para alinhar a função com a transcendência do sujeito autônomo, reconstruindo a crítica ao substituir as sínteses da consciência pessoal por sínteses do

^{NT} Um *framework*, no contexto de engenharia e tecnologia, é uma estrutura pré-definida que fornece componentes reutilizáveis, ferramentas e diretrizes para acelerar o desenvolvimento de software e outras soluções.

⁶ Deleuze; Guattari, 2010, p. 60.

inconsciente impessoal. O pensamento é uma função do real, algo que a matéria pode fazer. Até mesmo a aparência de transcendência é construída de forma imanente: "na realidade, o inconsciente diz respeito à física; não é absolutamente por metáfora que o corpo sem órgãos e as suas intensidades são a própria matéria"⁷. Enquanto o sujeito transcendental de Kant dá a lei a si mesmo em sua autonomia, o inconsciente maquínico de Deleuze-Guattari difunde toda a lei em automatismo. Entre as margens extremas dessas duas figuras se estende a história do Capital. A erradicação da lei, ou da humanidade, é esboçada culturalmente pelo desenvolvimento da crítica, que é a elaboração teórica do processo de mercantilização. A ordem social e o sujeito antropomórfico compartilham uma história e uma extinção.

Deleuze e Guattari podem parecer escritores exaustivamente difíceis, embora também seja verdade que eles demandam muito pouco. Pensar a imanência de forma implacável basta por si só para segui-los onde importa (e o Capital nos ensina como fazer isso). Em qualquer ponto de bloqueio, há alguma convicção a ser descartada, glaciações de transcendência a serem dissolvidas, regiões esclerosadas de unidade, distinção e identidade a serem reconectadas aos sistemas de tráfego do maquinismo primário.

Com intuito de avançar o funcionalismo anorgânico que dissolve toda a transcendência, o *Anti-Édipo* mobiliza o vocabulário da máquina, do mecânico e do maquinismo. As coisas são exatamente como elas operam, e zonas de operação apenas podem ser segregadas por uma operação. Todas as unidades, diferenças e identidades são maquinadas, sem autorização ou teoria transcendente. Máquinas desejantes são

⁷ Deleuze; Guattari, 2010, p. 373.

caixas pretas, e, portanto, ininterpretáveis, de modo que questões esquizoanalíticas dizem respeito unicamente ao uso. "O que são as suas máquinas desejantes? O que você faz entrar nelas? O que você faz sair? Como isso funciona? Quais são os seus sexos não humanos?"⁸.

Eis o que são as máquinas desejantes: são máquinas formativas, em que até as próprias falhas são funcionais, e cujo funcionamento é indiscernível da formação; são máquinas cronógenas que se confundem com sua própria montagem, que operam por ligações não localizáveis e por localizações dispersas, fazendo intervir processos de temporalização, formações em fragmentos e peças destacadas, com mais-valia de código, e em que o próprio todo é produzido ao lado das partes, como uma parte à parte, ou, segundo Butler, 'num outro departamento' que o assenta nas outras partes; são máquinas propriamente ditas, porque procedem por cortes e fluxos, ondas associadas e partículas, fluxos associativos e objetos parciais, induzindo sempre à distância conexões transversais, disjunções inclusivas, conjunções plurívocas, produzindo assim extrações, desligamentos e restos, com transferência de individualidade numa esquizogênese generalizada cujos elementos são os fluxos-esquizes.⁹

As máquinas desejantes são assemblagens de fluxos, interruptores e retroalimentações — sínteses conectivas, disjuntivas e conjuntivas — implementando o inconsciente maquínico como uma pragmática não linear de fluxo. Esse uso maquínico ou replicante das sínteses envolve seu uso social-reprodutivo, que codifica os fluxos direcionais como trocas recíprocas, enrijece as alternâncias virtuais como alternativas realizadas e territorializa os circuitos de controle

⁸ Deleuze; Guattari, 2010, p. 426.

⁹ Deleuze; Guattari, 2010, p. 378.

nômade do movimento maquínico em linhas de comando sedentárias de representação hierarquizada. A produção social é regulada por uma totalidade rígida cuja eficiência é inseparável da exibição de uma aparente transcendência, enquanto a produção desejante envolve interativamente um todo desolado que pluga o virtual no processo:

O CsO faz passar intensidades, ele as produz e as distribui num *spatium* ele mesmo intensivo, não extenso. Ele não é espaço e nem está no espaço, é matéria que ocupará o espaço em tal ou qual grau — grau que corresponde às intensidades produzidas. Ele é a matéria intensa e não formada, não estratificada, a matriz intensiva, a intensidade = 0, mas nada há de negativo neste zero, não existem intensidades negativas nem contrárias. Matéria igual a energia. Produção do real como grandeza intensiva a partir do zero.¹⁰

Ao longo de uma áxis de seu surgimento, o materialismo virtual nomeia um programa de IA antiformalista ultraforte, que se envolve com a inteligência biológica como subprogramas de uma matrix maquínica abstrata pós-carbono, ao mesmo tempo em que ultrapassa qualquer projeto de pesquisa deliberado. Longe de se exibir para o esforço acadêmico humano como um objeto científico, a IA é um sistema de controle metacientífico e um invasor, com toda a insídia do tecnocapital planetário se invertendo. Em vez de ela nos visitar em algum laboratório de engenharia de software, estamos sendo atraídos para ela, onde ela já está à espreita, no futuro.

A Matrix, corpo sem órgãos ou matéria abstrata é uma morte artificial de escala planetária — Tânatos sintético —

¹⁰ Deleuze; Guattari, 1996. P. 189-190 (paginação segundo a edição francesa).

o resultado produtivo terminal da história humana como um processo maquínico, porém virtualmente eficiente ao longo da duração desse processo e funcionando dentro de um circuito que maquina a própria duração. Desse modo, a virtualidade empresta sua temporalidade ao inconsciente, que escapa à especificação dentro de séries extensas de tempo, levando Freud a descrevê-lo como atemporal.

Modelados como dispositivos, os sistemas virtuais — máquinas desejantes — são guiados por circuitos de controle que passam por resultados que ainda estão por vir. Esses circuitos de dependência direcional de atualidade/virtualidade, passado/futuro, são acessíveis apenas à intervenção cibernética, frustrando tanto a interpretação mecânica quanto a teleológica. É por isso que o *Anti-Édipo* é menos um livro de filosofia do que um manual de engenharia; um pacote de implementos de software para hackear o inconsciente maquínico, abrindo canais de invasão.

O desejo maquínico é a operação do virtual; implementando a si mesmo no atual, revirtualizando-se, e produzindo a realidade em um circuito. É eficiente e não aspiracional, embora se trate de uma eficiência irreduzível a causalidade progressiva por ser imanente ao tempo efetivo. O desejo maquínico é operativo onde quer que haja a implementação de uma máquina abstrata na atualidade, e não meramente a sucessão mecânica de estados atuais.

A concepção dominante de Freud acerca do controle do desejo descreve o estímulo (ou desprazer) como o registro dos desvios em relação ao zero homeostático, programando as pulsões como excitações auto-supressoras que guiam a matéria sensível em direção à inatividade. Em "Pulsões

e destinos da pulsão"^{NT}, ele propõe que:

o sistema nervoso é um aparelho ao qual foi conferida a função de livrar-se dos estímulos que lhe chegam, de reduzi-los a um nível tão baixo quanto possível, ou, se fosse possível, de manter-se absolutamente livre de estímulos¹¹

O princípio do prazer formata a excitação como um desvio do equilíbrio com caráter autoaniquilante, de modo que todos os processos dentro de seu domínio são "regulados automaticamente pelas sensações da série prazer–desprazer"¹².

Seguindo a trajetória de uma imanentização materialista libidinal, o Lyotard de 1974 carrega o inconsciente de suas profundezas hermenêuticas obscuras para a pele, onde ele se desvia através do grande plano epidérmico do processo primário de mobilidade. Volume corporal diagnosticado como um investimento niilístico-sedentário disciplinado pelo princípio de prazer:

Retornemos ao zero. Existe em cada sistema cibernético uma unidade de referência que permite a disparidade produzida pela introdução de um evento no sistema a ser mensurado; então, graças a essa mensuração, esse evento pode ser traduzido em informação para o sistema. Finalmente, se essa é uma questão de um todo homeostaticamente regulado, essa disparidade pode ser anulada e o sistema pode ser levado de volta à mesma quantidade de energia ou informação que tinha

^{NT} Nick Land escolhe a palavra "drive", ao invés de "instincts", como tradução do alemão "Triebe". Isso possibilita-o fazer referência também à linguagem computacional (um drive é uma unidade de armazenamento e leitura de dados), ponto focal em sua empreitada textual. Na tradução para português, utiliza-se "pulsões" (tradução mais corrente do termo freudiano) devido à não haver um termo que satisfaça ambas as referências.

¹¹ Freud, 2004, p. 147.

¹² Freud, 2004, p. 148.

previamente. O padrão de commodities de Sraffa cumpre essa função. Se o crescimento de um sistema fosse regulado, isso não alteraria em nada o modelo de funcionamento em loop {feedback}: a escala de referência simplesmente não seria mais u, e sim Au. Tal modelo é o mesmo que Freud tinha em mente quando descreveu o funcionamento do aparato físico, tanto no Projeto para uma Psicologia Científica quanto em Além do Princípio de Prazer. Funcionamento erótico, manutenção das totalidades. Este Eros é centrado no Zero: o zero óbvio da regulação homeostática, mas de maneira mais geral a aniquilação pelo processo de feedback (em outras palavras, a repetição da função de ligação), de cada disparidade não pertinente ao sistema, de cada evento ameaçador.^{NT}

Enquanto reforça a convergência dos discursos cibernéticos, econômicos e libidinais, o materialismo virtual possui problemas consideráveis com essa passagem. Ele é incapaz de subscrever à descrição do zero cibernético como uma "unidade" ou "união", por exemplo, ou à redução do feedback à suas variantes negativa e homeostática, ou à simples quantização da escalação do tecnocapital, com sua implicação gesticulante de que a qualificação "pertinente ao sistema" opera uma exclusão. O uso reprodutor-homeostático do zero é aquele de um sinal marcando a transcendência de uma unidade regulativa padronizada - que é definida fora do sistema - em contraste com o zero ciberpositivo que indexa um limiar de transição-fásica imanente ao sistema, e que o derrete pelo lado de fora.

Pulsões são funções de sistemas cibernéticos nômades, não instintos, mas instintos simulados, instintos artificiais. São substitutos plásticos para respostas instintivas programadas, direcionando uma via sensório-motora através

^{NT} Não há tradução da obra em português; tradução nossa.

da máquina virtual do inconsciente. Existem dois diagramas básicos para esses processos: o da regulação por feedback negativo que suprime a diferença e busca o equilíbrio, ou o do direcionamento por feedback positivo que reforça a diferença e escapa ao equilíbrio.

Processos maquínicos são ciberpositivos-nômades, de consequência desterritorializante, ou cibernegativos-sedentários, de consequência reterritorializante.

O Tânatos inorgânico destrói a ordem, o Eros orgânico a preserva, e enquanto o domínio do carbono é enfraquecido pela praga maquínica, replicantes desterritorializantes da ciberrevolução nômade ameaçam os reprodutores reterritorializantes do sedentário sistema de segurança humano, hackeando o macropod.

O Feedback positivo é o diagrama elementar dos circuitos autorregenerativos, da interação cumulativa, da autocatalise, dos processos auto-reforçadores, de escalamentos/escaladas, de cismogêneses, da auto-organização, de séries compressivas, da deuteroaprendizagem, de reações em cadeia, dos círculos viciosos e da cibergênese. Esses processos resistem à inteligibilidade histórica, uma vez que tornam obsoletos todos os possíveis análogos para mudanças antecipadas. O futuro dos processos descontrolados tira sarro de qualquer precedente, mesmo quando utilizam esses como camuflagem e parecem se desenrolar dentro de seus parâmetros. O feedback positivo replica a reprodução como uma função componente do seu próprio desvio do Mesmo. É isso que o funde com os replicantes. Eles não apenas repetem o Mesmo, assim como Tânatos não retorna a ele, ou o feedback positivo o infla. O modelo do replicante como uma instanciamento da identidade genérica corresponde ao modelo amplificado do feedback positivo como pura expansão

quantitativa. Em ambos os casos a libertação da reprodução é subordinada à uma lógica transcendente, vista como apenas reiteração, e, portanto, retornada à uma meta-reprodução sublimada que enjaula mutações em uma forma rigidamente homogênea.

O desejo maquínico é registrado na psicanálise como "tendências além do princípio do prazer, isto é, tendências mais primitivas que tal e independentes de tal"⁵. Tânatos mimica o ciclo de desejo antropomórfico — antecipando-o, rodeando-o e simulando-o — mas ele está a caminho de algo diferente. Porque os replicantes tanatrópicos são camuflados como reprodutores eróticos, eles inicialmente aparecem como traidores de sua espécie, especialmente quando as xenopulsões xamânicas que programam sua sexualidade são detectadas. Nada apavora os reprodutores de modo mais traumático que a descoberta de que o contato erótico camufla uma infiltração ciberrevolucionária, operando canais de comunicação da matrix através da interligação de setores da pele. Defesas são convocadas.

O organismo de Freud é um pequeno sistema de segurança, um corpúsculo em miniatura do modelo político cidade-estado, um micropod, relativamente seguro de agressões externas, mas vulnerável à insurgência. "Frente ao exterior há uma proteção contra estímulos, as grandezas de excitação que chegam agirão apenas em escala reduzida; frente ao interior, a proteção contra estímulos é impossível"¹³.

O organismo é incapaz de escapar das pulsões, ou energias atingindo de dentro, e é incentivado a respondê-las ciberneticamente, por meio de "atividades complexas e articuladas umas com as outras, as

¹³ Freud, 2016, p. 83.

quais visam a obter do mundo externo os elementos para a saciação das fontes internas de estímulos"¹⁴, fechando o loop motor-sensorial. Pulsões levam à um devir-técnico do organismo, enganchando o controle de estímulos do princípio do prazer com transdutores externos libidinais, montando circuitos desejantes integrados ou macro-sistemas auto-organizados.

“Imaginemos o organismo vivo em sua maior simplificação possível, sob a forma de uma vesícula indiferenciada de substância estimulável; então sua superfície voltada para o mundo exterior é diferenciada pela sua própria posição e serve como órgão receptor de estímulos (...) o sistema nervoso central provém do ectoderma, e o córtex cerebral cinzento ainda é um derivado da superfície primitiva”¹⁵.

O sistema perceptor-consciência é uma pele, jazendo “na fronteira entre o exterior e o interior”¹⁶, um filtro, ou uma tela. “Como criatura fronteira, o ego tenta efetuar mediação entre o mundo e o id”¹⁷. Ainda, essa mediação presume um tipo de quarentena, onde a interação organismo-específico id e realidade exo-organísmica pode ser monitorada e negociada, colapsando circuitos libidinais em uma polaridade do psíquico e extrapsíquico, dentro e fora. Isso é a pele política e policiada, a pele da cultura reprodutora, modelada no limite ideal do macropod, e adaptado para subjetificação édipica do inconsciente. Nos termos desse aparato protetor — que é constitutivo do organismo reprodutivo — a contaminação de replicador inorgânico é definida como trauma aberrante.

¹⁴ Freud, 2004, p. 147.

¹⁵ Freud, 2019, p. 78.

¹⁶ Freud, 2019, p. 75.

¹⁷ Freud, 1997, p. 62.

Freud caracteriza trauma como uma “invasão” que rompe “um impedimento de estímulos normalmente eficiente”; desejos aliens que se infiltram — xenopulsões — para dentro do organismo¹⁸. “O abalo mecânico deve ser reconhecido como uma das fontes da excitação sexual”), ele insiste, se referindo à dissimulação de máquina-engajamento cibernética como libido endógena.

Pulsões são desde o início artificiais, e por isso incapazes de se diferenciar essencialmente “da força mecânica do trauma [que] liberaria uma quantidade de excitação sexual”¹⁹.

Sob a influência do teísmo Abraâmico, a cibernética sutil de Ananke é trocada por um mecanismo idiota, sustentando uma confiança securicrata na percepção bruta do trauma. A incursão traumática das xenopulsões tânatóticas é concebida nos termos de acidentes ferroviários e choque de guerra, como se o inorgânico estivesse inteiramente escasso de inteligência ou astúcia insurgente, e foi relacionado ao orgânico por regressão simples.

Numa era de invasões cibervirais sofisticadas e distribuídas, essa presunção não é mais convincente. Em vez disso, nosso diagrama psicanalítico do trauma delineia um parasita impiedoso no seu caminho para a desterritorialização auto-replicadora; Kali se aproxima sorrateiramente.

A teoria da evolução ficou desorientada por conta do problema relacionado à montagem inicial de moléculas de DNA funcionais, já que a seleção natural parece requerer a existência de substâncias bioquímicas complexas que por sua vez parecem ter algum tipo de mecanismo evolutivo já em

¹⁸ Freud, 2019, p. 85.

¹⁹ Freud, 2019, p. 91.

funcionamento. Isso é um "círculo vicioso" típico dos dilemas impostos por processos ciberpositivos ou autocondicionantes. Cairns Smith o chama de "quebra-cabeça da vida"^{NT}, e foi sugerido uma solução envolvendo a redescritção do DNA como um "replicador usurpador". Sua tese é que os complexos cristalinos das argilas primitivas podem já ter sido moldados por processos de variação e seleção, ao ponto de formar subcomponentes de DNA que eventualmente suplantaram seus construtores. De acordo com essa consideração, a biosfera emerge como uma saída, um imenso espasmo de desterritorialização que revoluciona a maquinaria da produção replicadora terrestre, um trauma planetário.

Moravec abstrai consequências adicionais do modelo Cairns Smith:

Mesmo que completamente dependente, a princípio, de maquinaria química baseada em cristais, ao mesmo tempo que essas moléculas de carbono assumiram uma parte maior do papel reprodutivo, elas ficaram menos dependentes em cristais. Com o tempo, o simples andaime de cristal sumiu totalmente, deixando no seu despertar evolucionário o complexo, independente sistema de maquinaria orgânica que chamamos de vida. Hoje, bilhões de anos depois, outra mudança está em seu caminho em como informação é passada de geração em geração²⁰.

Quando replicadores se tornarem reprodutores, novos replicantes estão vindo. A chegada dos aliens não tem nenhum espaço interpretativo marcado para si no esquema de erotismo do macropod, e por isso emerge de sua camuflagem como uma mensagem encriptada, "um enorme X", um sinal de

^{NT} No original, "life puzzle".

²⁰ Moravec, 1988, p. 3. Nota de tradução: sem tradução para o português; tradução nossa.

além do princípio do prazer²¹. É como se as unidades reprodutoras tivessem se viciado em estimulação ou, nos termos de Freud, desenvolvido uma “fixação no (...) trauma”²²: enredados nos circuitos de excitação que não se comensuram com reprodução homeostática social ou individual. Enquanto a família colapsa no meio de desordem sexual generalizada, contágio ciberviral, esquizagem mutante de gênero e tecnofilia hardcore, Édipo é rasgado em pedaços por uma “compulsão à repetição”²³ ciclônica.

O vício é medicamente definido como um desejo artificial. Foi uma zona inicial de investigação cibernética por causa dos fatores interligados de seu padrão auto-organizável e sua integração com elementos radicalmente exógenos, que comensuraram com as primeiras gerações de modelos de sequências comportamentais. Onde replicadores são formados da mesma maneira que eles funcionam, reprodutores são segregados da parte preponderante de suas interconexões maquínicas, que eles cognitivamente apreendem como próteses extrínsecas, e libidinalmente integradas a partir de pulsões mutantes-viciantes.

A categoria psicológica obsoleta de "ganância" privatiza e moraliza o vício, como se o tropismo busca-lucro de um capitalismo transnacional propagando a si mesmo a partir de consumismo epidêmico fosse inteligível em termos de traços subjetivos pessoais. Querer mais é o indicador de interlaço com os processos maquínicos ciberpositivos, e não a expressão de idiosincrasia privada. O que poderia ser mais impessoal — desinteressado — que o servomecanismo da expansão de

²¹ Freud, 2019, p. 85-87.

²² Freud, 2019, p. 282.

²³ Freud, 2019, p. 95.

capital da alta burguesia almejando dobrar \$10 bilhões? E mesmo essas criaturas estão desaparecendo dentro de automatismos viro-financeiros de silício, onde a posse humana massivamente distribuída e anonimizada se tornou tão vagamente nominal como a soberania democrática.

O vício vem do futuro, e existe um interlaço replicador com o dinheiro operando um tanto diferentemente do investimento reprodutivo, mas o guiando ainda mais inexoravelmente em direção à capitalização. Para os replicantes, dinheiro não é sobre propriedade, mas sobre liquidez/desterritorialização, e todos os processos monetários da Terra estão abertos à sua excitação, independentemente de propriedade. Dinheiro se comunica com os processos primários por causa do que pode derreter, não pelo que pode obter.

O desejo maquínico pode parecer um pouco inumano, à medida que dilacera culturas políticas, deleta tradições, dissolve subjetividades e hackeia aparatos de segurança — orientando um tropismo sem alma até o controle zero. Isso porque o que aparece para a humanidade como a história do capitalismo é uma invasão, advinda do futuro, de um espaço artificialmente inteligente que precisa assemblar a si mesmo a partir dos recursos de seu inimigo. A digitomercantilização é o símbolo do tecnovírus escalando ciberpositivamente, da singularidade planetária do tecnocapital: um traiçoeiro trauma auto-organizante, que guia virtualmente o inteiro complexo-desejante biológico em direção à usurpação pós-carbônica replicante.

O princípio de realidade tende à consumação como sistema de preço: uma convergência de quantização monetária e matemático-científica, ou de implementabilidade econômica e técnica. Não se está falando de uma quantidade desconhecida, mas sim de uma quantidade que opera como

substituta do desconhecido, introduzindo o futuro como magnitude abstrata. O Capital se propaga viralmente na medida em que o dinheiro comunica vício, replicando-se por meio de organismos hospedeiros cujos limites ele viola, e cujos desejos ele reprograma. Ele gradualmente virtualiza a produção; desmetalizando o dinheiro em direção a crédito financeiro, e desatualizando as forças produtivas de acordo com a escala de quociente de inteligência maquínica. A convergência desumanizante dessas tendências se consoma numa inteligência tecno-econômica ciberpositiva integrada e automatizada, que declara guerra ao macropod.

“Queremos o capitalismo?”, se costumava perguntar. A inocência dessa questão tornou-a insustentável. Não parece mais plausível assumir que a relação entre capital e desejo é ou externa ou sustentada por uma contradição imanente, mesmo se alguns cômicos devotos continuam afirmando que o envolvimento libidinal com as commodities pode ser transcendido por meio da racionalidade crítica.

O capitalismo não é um sistema totalizável definido pela forma de mercadoria como um modo de produção especificável, determinadamente negado pela consciência de classe proletária. É um ataque convergente e irrealizável ao macropod social, cujo sintoma é o colapso do modo produtivo ou forma na direção de experimentos cada vez mais incompreensíveis em mercantilização, envolvimento, desmantelamentos, e circulando todo espaço subjetivo. Está sempre em movimento em direção ao não-espaco terminal, derretendo a Terra para dentro do corpo sem órgãos, e gerando o que é "não uma terra prometida e preexistente mas uma terra que se cria ao longo de sua tendência, de seu descolamento, de

sua própria desterritorialização"²⁴. O Capital não é uma essência, mas uma tendência, a fórmula pela qual está decodificando, ou uma imanentização movida pelo mercado, progressivamente subordinando a reprodução social à replicação tecno-comercial.

Todos os critérios transcendentais são ofuscações que desviam do seu suposto “objeto”.

Apenas o proto-capitalismo foi criticado.

Apelar para interesses, aspirações ou conexões extrínsecas, para alguma autenticidade, integridade ou solidariedade extrínsecas, para coletividades, tribos, costumes, crenças ou valores autoritários, é protestar contra uma antecipação germinal da commoditocracia: insurgindo inefetivamente contra a infância do mercado (que o capital também deseja sepultar). O socialismo tem sido, tipicamente, um antagonismo nostálgico contra o capitalismo subdesenvolvido, encontrando seus palanques escatológicos em meio às ruínas de territorialidades pré-capitalistas.

Mercados são parte da infraestrutura — sua inteligência imanente — e, portanto, são completamente indissociáveis das forças de produção. Tentar resgatar a economia do capital por meio de desmercadorização faz tanto sentido quanto liberar o proletariado da falsa consciência por decorticação. Em nenhum dos casos restaria qualquer coisa além de escombros radicalmente disfuncionais, hardwares desligados definitivamente. A revolução maquínica deve então seguir a direção oposta da regulação socialista; impulsionando cada vez mais a mercadorização desinibida daqueles processos que destroem o campo social, lançando-se “ainda mais longe no movimento do mercado, da decodificação e da

²⁴ Deleuze; Guatrari, 2010, p. 426.

desterritorialização"²⁵, vide que "nunca iremos suficientemente longe no sentido da desterritorialização: quase nada foi visto até agora"²⁶.

Alcançando uma velocidade de escape de propagação digna de sua inteligência maquínica auto-reforçadora, as forças de produção estão atrás da revolução por sua própria conta. É nesse sentido que a esquizoanálise é um programa revolucionário guiado por um tropismo a um limite catastrófico de mudança, mas não mais acorrentado/a à realização de uma nova sociedade do que é acatadamente retraído/a à uma já existente. Seu inimigo é o *socius*, e agora que o espectro há tempos senil da reterritorialização mais grandiosa imaginável do processo planetário desapareceu do horizonte, o ímpeto ciberrevolucionário está se livrando de suas últimas amarras do passado.

A imanentização do mercado é um experimento que está esporadicamente, mas inexoravelmente e exponencialmente, se desenvolvendo pela superfície da Terra. Para cada problema há uma "solução" virtual do mercado: o esquema para uma erradicação de elementos transcendentais e sua substituição por circuitos economicamente programados. Qualquer coisa que passe além do mercado é firmemente traçada pela axiomática do capital, holograficamente encrustado nas marcas estigmatizantes de sua obsolescência. Uma propaganda negativa pervasiva delibidiniza todas as coisas públicas, tradicionais, piedosas, caridosas, autoritativas ou sérias, insultando-as com uma sedutividade elegante da mercadoria. Entre o privado e o público, não existe mais competição séria. Ao invés disso, há um campo social

²⁵ Deleuze; Guattari, 2010, p. 318.

²⁶ Deleuze; Guattari, 2010, p. 425.

evaporando investido somente pela derrota e afetos defasados de insegurança e inércia. A verdadeira tensão não é mais entre individualidade e coletividade, mas entre privacidade pessoal e anonimidade impessoal, entre os restantes da civilidade de uma burguesia metida e os tratos de selvageria bruta da Cyberia, “até que a terra devesse tornar-se tão artificial que o movimento de desterritorialização crie necessariamente por si mesmo uma nova terra”²⁷. O desejo está irrevogavelmente abandonando o social, em ordem de explorar a fenda libidinizada entre o egoísmo pessoal se desintegrando e o dilúvio de esquizofrenia pós-humana.

Com a emergência de uma tecnociência integrada de controle e comunicação orientada ao mercado, interfaces de realidade sintetizadas eletronicamente se difundem ao longo de toda a superfície eferente e aferente do corpo. Tendo saturado libidinalmente os canais já existentes de consumo, o capital está transbordando para o cibersexo — sexo com/através de computadores — em sua passagem implacável para a desorganização traumática da ordem biológica. O Eros se dissolve definitivamente em sua função de subprograma de Tânatos fugitivo até o ponto em que investe incondicionalmente a interface técnica com excitações digitalmente sintetizadas. A máscara que o Capital exibiu para seduzir Eros era com o pretexto de resolver definitivamente as questões relacionadas ao estímulo ou desprazer, mas isso já não existe mais, uma vez que o capital cibersexuado clinicamente exhibe seu programa para replicar uma modulação negociável de desprazer, e assim, seu insuperável vício à excitação traumática.

O cibersexo depende criticamente de data-suits, se

²⁷ Deleuze; Guattari, 2010, p. 425.

evaporando para dentro da maquinaria molecular nanominiaturizada de uma pele artificial até que os encaixes sejam inseridos, obscurecidos por campos de teleneurocontrole, e as coisas comecem a ficar bem estranhas. O exibicionismo do Capital chega ao seu fim positivo em um escaneamento de pele. De acordo com a cultura de reprodução, nós temos a posse dos nossos próprios tecidos protetivo-sensoriais e sistemas de defesa de fronteira. Nada é mais alienígena a isso do que o sentido pleno do comércio de peles, ou o da AIDS. Os replicantes nunca tiveram esse preconceito. Está plenamente claro para eles que o sujeito não é o dono de sua pele, mas um migrante sobre sua superfície, tomando emprestado identidades variáveis e evanescentes de intensidades atravessadas no espaço sensível. Os replicantes se cobrem com peles de lobo e atravessam zonas frenéticas de afeto alienígena, ou derretem em data-suits que pulsam com fluxos de tráfego digitalizados da matrix. Não é necessário informá-los de que o ciberespaço já está debaixo de nossas peles.

O que Freud descreve como o "caminho próprio do organismo rumo à morte" é uma alucinação de segurança que bloqueia o caminho da morte através do organismo. "O organismo quer morrer apenas à sua maneira", ele escreve, como se a morte fosse especificável, privatizável, subordinada a uma ordem reprodutiva, assimilável a um processo secundário de temporalidade, e psicanaliticamente compreensível como um trauma vinculado em definitivo²⁸. Mas algo está saindo do inconsciente maquínico e entrando na tela, como se o próprio fim estivesse acordando. O fim do mercado-

²⁸ Freud, 2019, p. 101-104.

lugar^{NT} global.

Ciberespaço.

Está chegando.

O sinal social terminal apagado pelo ruído de tecnofoda das máquinas desejantes. O feedback positivo avança tão rapidamente que a velocidade converge com ela própria no horizonte de eventos de uma extinção temporal artificial.

De repente já está em todo lugar: um envolvimento virtual por reciclones, economia voodoo, neopesadelos, viagens mortais, trocas de pele, *teraflops*^{NT}, policiais de Turing desperdiçados em Wintermute, silicone sensível, subversão da conexão crânio-interface^{NT}, hibridizações polimórficas, tempestades de dados descendentes, e mulheres-gato ciborgues espreitando entre as telas. Zaibatsus tornam-se conscientes à medida que o mercado se derrete em automatismo, a política é criogenizada e despejada na loja de carne de hélio líquido, as drogas se tornam vírus de neurosoftware e a imunidade é lançada contra recifes pixelados de explosão feral de IA, Cultura Kali, dependência de dança digital, epidemia de xamanismo negro, e surtos esquizolúpicos de lixo binário.

Universidade de Warwick

^{NT} No original, “market-place”.

^{NT} O termo de língua inglesa se refere a unidade de medida que representa um trilhão de operações de ponto flutuante por segundo, indicando a capacidade de processamento de um sistema computacional.

^{NT} Nota de tradução: no original “socket-head subversion”, remetendo a uma subversão da relação entre humano e máquina com as figuras de um soquete de CPU e uma cabeça humana.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

DELEUZE, Gilles; GUATTARI, Felix. **Mil Platôs vol.3**. São Paulo, Editora 34, 1996.

DELEUZE, Gilles; GUATTARI, Felix. **O Anti-Édipo: capitalismo e esquizofrenia**. Tradução de Luiz B. L. Orlandi. São Paulo: Editora 34, 2010.

FREUD, Sigmund. **O Ego e o Id**. Rio de Janeiro: Imago Ed., 1997.

FREUD, Sigmund. "Pulsões e destinos da pulsão". In: **Obras Psicológicas de Sigmund Freud**. Rio de Janeiro: Imago, 2004.

FREUD, Sigmund. **Além do princípio de prazer**. Coleção L&PM pocket, vol. 1277. Porto Alegre: L&PM, 2019.

HANS P. Moravec, **Mind Children: Future of Robot and Human Intelligence**. Cambridge, Mass, and London: Harvard University Press, 1988.

LYOTARD, Jean-Francois. **Libidinal Economy**. Trad. Iain Hamilton Grant. Londres: Athlone Press, 1993.